

T  
E  
R  
R  
O  
R  
B  
R

MANJEDOURA



UM CONTO DE NATAL



# DARK

VERENA CAVALCANTE

VOLUME

1

*EU QUERO PEDIR  
UM MILAGRE  
DE NATAL.*



DARKSIDE



UM CONTO DE NATAL  
**DARK**



FOR  
VERENA CAVALCANTE

UM CONTO DE NATAL  
**DARK**

# MANJEDOURA

VERENA CAVALCANTE

Menino Jesus, me ajuda, hoje é o seu aniversário, e esse ano eu quero fazer um pedido muito especial, mas eu juro que num é ingual os pedido de antes; todo ano a mesma coisa, esses pedido leso, maldito, de cismar com boneca de rostinho de porcelana, vestido branco, sapato de verniz e chorar quando acorda e vê que ganhou só balinha colorida de presente do Papai Noel. Agora, eu te juro, eu num ligo mais pra isso, eu num quero mais saber; até as minha bonequinha de trapo, de sabugo de milho, eu joguei tudo fora, eu num quero mais ver na minha frente, me dá angulho, vontade de ponhar as tripa tudo pra fora; por favor, menino Jesus, atende minha prece, pai celestial, opera um milagre na minha casa.

Eu acendi as vela tudo e já tem três dia que eu tô pedindo, mas eu vou te explicar bem direitinho, sem choro e sem grito no meio, que é procê entender e num ficar com raiva d'eu. Eu sei que, antes de ser o pai celestial, ocê foi menino que nem nós tudo, e ocê entende, ocê sabe o quanto dá lombriga ver um brinquedo e num poder ter quando num

tem nem o que comer direito. Um dia mesmo eu pus um verme enorme inteirinho pela boca, uma cobrona branca, só de ver boneca na vitrine da loja, e rolei a noite inteira de febre, a mãe com olho triste no pé da cama, amarrando batata cortada na minha testa, depois falando co meu pai, coitado, e ele mim mandou pedir pro Papai Noel – todo ano a esperança da boneca chegar –, mas eu cansei de pedir, e ela nunca veio. O pai falava pra gente botar capim na janela que as rena do Papai Noel chegava cansada de tanto viajar pelas estrada do céu afora, e que se elas tivesse bem alimentada ia ficar muito agradecida e lembrar de mim e do meu irmãozinho, pra depois trazer presente de verdade no próximo Natal. Daí todo ano eu botava o capim, mesmo as criança aqui dos arredor falando que num era bom deixar a janela aberta que quem podia vim era o coisa ruim, entrar no quarto onde nós tava dormindo e comer nós tudo, mas o máximo que apareceu foi muriçoca, que comeu nós tudo sim, mas de picada. Vinha ano e ia ano e eu mais meu irmãozinho só ganhava um saquinho de balinha colorida da venda do seu Nicolau pra dividir pra nós dois, três pra cada um.

Ano passado, um dia antes do Natal, eu chamei o pai de canto depois de trazer a pinguinha fiada dele do boteco da dona Carmen, eu sempre vinha o caminho todo molhando o dedo e pondo na boca, sentindo graça no fogo da língua, e perguntei, “Ô meu pai, se o Papai Noel é tão bonzinho, e a gente se comporta tão bem, faz as função tudo aqui da fazenda, ajuda a mãe em casa, por que é que ele sempre esquece de nós? Por que é que ele num traz o carrinho e a boneca que eu mais meu irmãozinho quer?”. Ele se acabrunhou todinho, cos ombro caído, e mim mandou continuar dando comidinha pras rena que um dia elas ia lembrar e contar pro Papai Noel prestar mais atenção; aí, naquela madrugada de Natal, eu fingi que tava dormindo e vi quando o pai empurrou todo o capim pra fora do batente da janela e botou as balinha ali, o amontoado de mato caído na terra lá fora sem mordidinha nenhuma e nem nada, amarelado depois no sol quente.

Mas essas coisa num tem mais importância não, Jesus, porque nesse Natal eu preciso que ocê mim perdoe e mim socorre, ocê que é o nosso Salvador, ocê que é o cordeiro de Deus, alumia o nosso caminho...

Sabe como foi? Eu e meu irmãozinho, a gente tava brincando enquanto a mãe trabaiava na roça e o pai fazia os servicinho dele de carpintaria, nós dois como sempre debaixo do bambuzal, batendo com vareta nos bambu pra fazer música, moldando bichinho de barro e ponhando no sol pra secar, comendo as maçã que a dona da fazenda do outro lado do rio trouxe de prenda pra nós, até que eu escutei alguém chamar meu nome, assim, meio gritado, lá pra riba, pros lados da minha casa; falei pro meu irmãozinho esperar que eu voltava em dois tempo, ele nem escutou, entertido com as brincadeira, e fui lá ver quem que era. Quando eu cheguei num tinha ninguém, só um vento frio, esquisito nesse calor ardido de dezembro, mas o cachorro, o Pulguinha, tava latindo no alpendre, todo arrupiado, com as costa curvada em arco, e eu entrei já panhando a espingarda de matar passarinho que fica de trás da porta, certa de encontrar um homem estranho lá dentro de casa, roubando o poco que nós tem, mas parado no chão de cimento queimado tava um bode vermelho, de pé nas duas pata de trás.

Ele falou meu nome daquele jeito esquisito, que nem se tivesse berando, e entrou no quarto, sentando na cama que eu mais meu irmão dividia, de perna cruzada, que nem gente. “Eu ouvi dizer que você quer ganhar uma boneca, é verdade?”, ele perguntou, e eu demorei um tempinho pra entender porque os bode fala dum jeito esquisito e porque eu tava chacoalhando inteirinha de paúra e os meus dente batia mais alto que a voz dele goelava, mas balancei a cabeça que sim, sem nem pensar direito, Jesus, eu juro que foi sem pensar, eu num sabia, ocê me perdoe. “De bochecha vermelha e vestido branco?”, ele continuou, olhando para fora da janela, para o bambuzal lá longe, “E um carro pro meu irmãozinho”, saiu da minha boca, como se alguém tivesse pegado as palavra com a mão e puxado, num sei que que deu em mim, Jesus, se eu pudesse voltar atrás eu voltava, eu te juro. O bichão mexeu a cabeça e parece até que deu uma risadinha, com a língua pendurada de lado, antes de pular a janela e sair de quatro pelo meio da grama alta, parecendo cavalo de fogo, depois, lá na frente, perto do bambuzal, de pé de novo, um homem de capa vermelha; nessa hora eu corri, soltei a espingarda pesada do pai e corri, corri, até sentir dor de facada na costela, a garganta

congelando de vento, e quando cheguei na beira do bambuzal o meu irmãozinho tava caído de frente, com a cara enfiada no mato seco, em cima dum ninho de jararaca, uma jararaca preta em volta do pescoço dele, enfincando os dente sem parar. Joguei as maçã que tava caída por ali em cima daquele demonho, mas ela num arredava dele, então segui a bicha pelo rabo e puxei com força, e quando ela veio trouxe o meu irmão junto, e eu catei ele depressa, chutando com os pé, e fiquei gritando a mãe, gritando a mãe e correndo com ele nos braço. Jesus, o meu irmão tão pequenininho, nem quatro ano de idade, com a cara inchada e vermelha que nem um tomate, sangue saindo da boca, do nariz e do ouvido, o corpo todo mole, arroxando, e a mãe vindo correndo com a enxada inda na mão; lá longe, no meio do cafezal, um homem alto de barba branca e chapéu vermelho.

Menino Jesus, hoje é o seu aniversário e eu quero pedir um milagre de Natal, eu quero pedir pelo meu irmãozinho. Ele inda durou uma hora, jorrando sangue no travesseiro, emporcalhando os lençol, virando uma bolotinha que o olho já nem abria mais, parecia desenhado na cara, cílio comprido de boneca; eu corri chamar o médico, mas num deu tempo – quando eu voltei ele já tava gelado, branco, sem uma gota de sangue no corpo. Agora, ele tá na sala, num caixãozinho de madeira com ramo de pinho drento, quatro vela de arredor, de vestido branco e sapatinho de verniz, o rostinho da cor da porcelana, com a mãe barriguda dum lado, o pai do otro, a vaca Gemada, o jumento Dorival, e as galinha, tudo entrando drento de casa, curioso, de olho grande, porque bicho sente, bicho sabe; eles já descobriram que ocê vai acatar o meu pedido de ressuscitar o meu irmão, trazer de novo pra vida, que já tá quase amanhecendo o dia e o carro funerário tá vindo buscar ele.

“Minha mãe, meu pai”, eu falei, aproximando deles, de braço aberto, mas eles nem tinha força pra responder, “eu pedi pra Jesus, nosso Salvador, e ele vai trazer de volta o meu irmãozinho. O Menino Jesus me escudou e há de ressuscitar ele dos morto”. Os dois num disseram nada, falaram só com as lágrima, e seguraram na minha mão; a gente inda tava rezando quando o sol entrou pela janela, forte e brilhante que nem a estrela de Davi, e o peitinho do meu irmão começou a se

mexer dentro do caixão, pra cima e pra baixo. Em zoadá, a vaca começou a mugir, o jumento a zurrar, os galos a cantar, o cachorro a uivar, e a gente correu pra perto do corpinho dele tudo junto, com os braços pro alto, agradecendo a ocê, o Nosso Senhor, chamando o nome do meu irmãozinho, pra ele acordar, voltar pra nós depois de três dia morto e renascer na manjedoura da nossa casa, no dia do aniversário do Filho de Deus. Nós só parou de chorar de alegria e começou a gritar de otro jeito quando a barriga dele se estufou, deu um tranco, e de dentro da boquinha meio aberta, onde tavam pousado os mosquito, foram saindo vários filhotinho de cobra.

VERENA CAVALCANTE é mãe, escritora, tradutora, revisora de textos e professora de idiomas. Formou-se em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC) e atualmente também divide seu tempo com o estudo da psicanálise. Verena publicou seu primeiro livro, *Larva* em 2015, aos 25 anos. Em 2018, lançou seu segundo livro, *O Berro do Bode*. *Inventário de Predadores Domésticos* é seu primeiro livro publicado pela DarkSide® Books. Sua voz única e visceral carrega um alto teor de verdade, especialmente quando aborda a infância e os terrores do universo feminino. A realidade na ficção de Verena Cavalcante é absolutamente chocante, e ela mergulha em diferentes universos (femininos e masculinos, infantis e adultos, mágicos e mundanos) de maneira bastante peculiar. Nesses tempos pandêmicos, vive reclusa em uma casa no interior de São Paulo com dois gatos, dois cachorros, um homem, um bebê, e seus demônios.

UM CONTO DE NATAL  
**DARK**



[DARKSIDEBOOKS.COM](http://DARKSIDEBOOKS.COM)